Mediatização da religião: O "adeus" de Bento XVI narrado pelo CTV, a televisão da Santa Sé

Bernardino Dias Frutuoso
Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, Portugal

Palavras-chave: mediatização; televisão; Papa Bento XVI; Centro Televisivo Vaticano.

RESUMO EXPANDIDO

Como procura responder a Igreja católica ao actual processo da mediatização da cultura e da sociedade? Como transmite a Santa Sé o ministério dos papas nesta nova galáxia mediática? Favorece a instituição a mediatização dos sumos pontífices? Estas são algumas das perguntas que procuramos responder nesta pesquisa. Para isso, analisamos o "texto" televisivo que narra a saída do Papa Bento XVI do Vaticano, no dia 28 de Fevereiro de 2013, até à residência de Castel Gandolfo, pondo fim ao seu pontificado. Dias antes, o papa alemão tinha anunciado a sua histórica renúncia ao trono de São Pedro.

O Centro Televisivo do Vaticano (CTV), a chamada "televisão do papa", foi o responsável pela transmissão em directo desse acontecimento extraordinário, retransmitido por televisões e plataformas digitais de todo o mundo. Este era um evento que, na sua essência, concernia à vida interna da Igreja Católica. No entanto, porque envolvia a uma personagem famosa, líder de uma das instituições mais importantes da sociedade e um acontecimento surpreendente – há 597 anos que um papa não renunciava ao cargo –, os *media*, e particularmente a televisão, não podiam estar ausentes, conferindo-lhe interesse e relevância (Dayan e Katz, 1994).

Como bem frisa o professor de comunicação Mark Deuze (2012), no mundo actual vivemos nos *media*, que são para nós como a água é para os peixes. Disseminam-se e tornam-se ubíquos, permeiam todos os aspectos da vida e são "extensões do ser humano" como postulava Marshall McLuhan (1994[1964]); constituem e estruturam o modo como percebemos e compreendemos o mundo à nossa volta. Deslocam-se para o centro do processo social e influenciam e transformam a cultura e a sociedade, incluindo a religião, o conteúdo simbólico das suas narrativas, a fé e as práticas religiosas (Hjarvard, 2008, 2014; Gomes, 2010; Lövheim, 2014; Sá Martino, 2015). Nesse encontro entre os *media* e a religião, os meios de comunicação "não apenas cobrem ou transmitem religião ou ideias religiosas; na verdade, elas ajudam a dar forma à religião contemporânea" (Hoover, 2014: 51).

A Igreja católica, que nas palavras de João Paulo II está chamada a proclamar a fé sobre os telhados "através do mundo dinâmico das comunicações"[3], não está alheia a esta nova cultura e ambiência mediática. Ao compreender a irreversibilidade do processo de mediatização da cultura e da sociedade, aposta na fundação e manutenção dos meios de comunicação institucionais, nomeadamente o Centro Televisivo Vaticano (CTV). Na mensagem para a 34ª Jornada das Comunicações Sociais, no ano 2000, o Papa João Paulo II afirmava a necessidade de a Igreja "utilizar de forma enérgica e qualificada os seus próprios meios de comunicação"[4]. Pretende-se, principalmente, potencializar o anúncio da mensagem cristã em todo o mundo. O CTV, a "televisão do papa", foi instituída em 22 de Outubro de 1983, precisamente, com o objectivo de contribuir para dar a conhecer universalmente o Evangelho, documentando com imagens televisivas o ministério pastoral do Sumo Pontífice e as actividades da Sé Apostólica (Estatuto de 1 de Junho de 1998).[5] Desde então, *Karol Wojtyła*, o Papa peregrino *(*Majewski, 2006) transformou-se numa estrela dos *media* (Grasso, 2013; Schlott, 2008).

Recordamos que, historicamente, foi Paulo VI com a viagem ao Congresso Eucarístico de Bombaim, na Índia, em 1964, quem inaugurou as viagens apostólicas internacionais, sendo o primeiro papa a visitar os cinco continentes (realizou nove viagens fora da Itália). Estas iniciativas promoveram a reforma litúrgica e a crescente telemediatização dos eventos presididos pelo Sumo Pontífice. O aumento das deslocações papais fora da Itália e a transmissão televisiva dessas celebrações multitudinárias, fez crescer a visibilidade pública do papa Paulo VI, baptizado como o "papa peregrino". Mas foi com João Paulo II, um ícone espiritual da aldeia global (Marcyński, 2006; Baugh, 2006), que as viagens papais se intensificaram, alcançando 129 países. A televisão, um *medium* de uso cada vez mais generalizado no planeta, permitiu ao papa ultrapassar as fronteiras eclesiais. Num processo de metamorfose, o pontífice

[3] João Paulo II (2001), "Anunciai-o do cimo dos telhados: o Evangelho na era da comunicação Global", Mensagem para o XXXV Dia das Comunicações Sociais. In http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20010124_world-communications-day.html.
[4] João Paulo II (2000). Mensagem para 34ª Jornada das Comunicações Sociais. "Proclamar Cristo nos meios de comunicação social no alvorecer do Novo Milénio". In http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/messages/communications/documents/hf_jp-ii_mes_20000124_world-communications-day.html.
[5] Os principais serviços prestados pelo CTV são: transmissões em directo, serviço diário de notícias, produções, arquivo. O CTV transmite em directo uma média de 200 eventos por ano, retransmitidos ou utilizados por canais de televisão e agências de notícias, seculares e católicas, na Europa, Médio Oriente, África, América do Norte e do Sul. O CTV gere, igualmente, um arquivo histórico, com mais de 19 mil documentos em vários suportes, com as gravações das imagens dos Pontificados de João Paulo II, Bento XVI e Francisco. Cf. http://www.vatican.va/news_services/television/index_po.htm.

romano transformou-se no sumo sacerdote de uma religião à dimensão da aldeia global (Willaime, 1991).

O *corpus* empírico da nossa análise é constituído cobertura televisiva realizada pelo CTV da saída de Bento XVI do Vaticano, depois da sua renuncia. Focalizamo-nos só nas imagens e no áudio original (incluindo as palavras do papa ao final), ainda se utilizamos uma transmissão de EWTN com comentários, disponibilizada na internet[6]. Tendo sido este um acontecimento excepcional, foi programado em detalhe pelo CTV e utilizaram-se muitos recursos tecnológicos: usaram-se quatro régies e 19 câmaras (uma delas a bordo de um helicóptero). Uma transmissão em directo em que cada enquadramento foi previamente estudado em detalhe[7]. A transmissão teve uma duração de 1h22.

O "texto" televisivo que analisamos categoriza-se como um *media event* (Dayan e Katz, 1994), que na definição dos autores são "cerimónias televisivas", ou seja, momentos históricos televisionados em directo (Dayan e Katz, 1994: 197). Nesta narrativa televisiva podemos identificar, facilmente, três fases explícitas, seguindo a estrutura clássica proposta por Aristóteles: a) início, a saída de Bento XVI, o protagonista, dos seus aposentos e do Vaticano; b) desenvolvimento, com a viagem a Castel Gandolfo; c) chegada e palavras de despedida do papa. O peculiar desta narrativa é que o clímax, o momento mais comovedor, verifica-se no acto inicial. Trata-se de um episódio em três tempos que expressa o afastamento progressivo dos lugares onde Bento XVI exerceu como papa: a saída dos aposentos pontifícios, a partida em carro do pátio de São Dâmaso, a saída do Vaticano quando o helicóptero despega. Apesar da resolução se verificar no primeiro acto, o interesse mantem-se ao longo de toda a narrativa e o espectador é estimulado a permanecer ligado à transmissão e a seguir a viagem do papa até ao momento da chegada à residência de Castel Gandolfo e as suas últimas palavras. Alguns dos factores que ajudam a manter o interesse são a proximidade e a importância do personagem, a beleza da paisagem (começando pelas imagens únicas dos jardins do Vaticano) e o inédito do acontecimento.

Este acontecimento eclesial, que telemediatizou o Papa Bento XVI, expressa, de maneira eloquente e cabal, o processo de mediatização em que está envolvida a Santa Sé e a Igreja Católica como instituição religiosa.

[6] https://www.youtube.com/watch?v=NvtBYIXc7YY

[7] Cf. Velasco, Irene, "Superproducciones Vaticanas", El Mundo, 18 de Outubro 2013, p. 43; Bobbio, Alberto, "Telecamere su San Pietro", Fagmilia Cristiana, 20 de Outubro de 2013, p. 40.

Referências

DAYAN, Daniel e KATZ, Elihu (1994). *Media events: the live broadcasting of history*. Massachusetts, London: Harvard University Press.

GOMES, Pedro Gilberto (2010). *Da Igreja eletrônica à sociedade em midiatização*. São Paulo: Paulinas.

HJARVARD, Stig (2008). «The mediatization of religion: A theory of the media as agents of religious change». Northern Lights, 6, pp. 9-26.

HJARVARD, Stig (2014a). *A midiatização da cultura e da sociedade*. São Leopoldo: Ed. Unisinos.

HOOVER, Stewart (2006). *Religion in the Media Age*. Estados Unidos: Routledge.

LÖVHEIM, Mia (2014). «Mediatization and Religion». In Knut Lundby (Ed.) *Mediatization of Communication*. Berlin/Boston: Mouton de Gruyter, pp. 547-571.

MAJEWSKI, Andrzej (2006). «Un Papa pellegrino». In Mazza, Giuseppe (ed.), *Karol Wojtyła, un Pontefice in diretta*. *Sfida e incanto tra Giovanni Paolo II e la TV*. RAI-ERI: Roma, pp. 127-129.

MILLER, Toby (2010). *Television Studies*. Londres: Routledge.

Sá Martino, Luís (2015). «A mediatização do campo religioso: esboço de uma síntese possível». Comunicação & Informação, 18 (2), pp. 06-21.

ROSE, Gillian (2001). *Visual Methodologies. An Introduction to the Interpretation of Visual Materials*. Thousand Oaks; London; New Delhi: Sage.